

Posse de novos vogais da Comissão Instaladora da Universidade do Minho

Palavras proferidas, quando ainda Reitor em exercício da Universidade do Minho (01-09-1981 a 18-01-1982), na solene tomada de posse dos novos vogais da Comissão Instaladora: Doutor Licínio Chainho Pereira e Doutor José Eduardo Lopes Nunes, Catedráticos da Universidade do Minho.

Estiveram presentes, além de numerosos representantes do corpo docente, alunos e funcionários, o Senhor Arcebispo Primaz, Governador Civil, Presidentes das Câmaras Municipais de Braga e Guimarães e outras autoridades académicas, judiciais e militares.

Braga, 23 de Outubro de 1981.

Todos nos entendemos quando falamos de Universidade, mas é longa a discussão se a queremos definir. Dum modo geral, todos aceitamos pacificamente que ela é o lugar próprio de ensino de nível superior, da aturada investigação científica e dos altos serviços culturais e tecnológicos a prestar à comunidade. Mas esta é a descrição da sua face externa. Mais difícil, mas tentadora, é a exploração da sua face interna, do espírito que a impele, dos métodos que utiliza, do lugar que ocupa. A Universidade floresce como centro *vivo* da Cultura, dentro da sociedade, e é sempre difícil definir a vida. Como a vida, ela recolhe todas as forças que a trouxeram ao presente, busca incessantemente a inovação que assegure o futuro, vive sempre alerta, na ânsia insatisfeita de desenvolver e criticar os valores do presente, sem perder os legados do passado nem comprometer a renovação do futuro. Investiga sem descanso,

traça hipóteses de trabalho que julga pelos resultados da experiência, usa para isso um método rigoroso e crítico, está aberta à mais ampla e livre discussão dos problemas; nunca assenta, portanto, numa posição estática e definitiva. Neste sentido, mais profundo se afirma que a Universidade é um lugar de crise fecunda, de luta construtiva, de criação incessante. E tudo isto é feito à luz do dia, perante uma sociedade em que se integra e serve, sem esperar recompensas senão as do dever cumprido e de uma vocação realizada.

Se, além disso, pensarmos em que a Universidade, para existir e progredir, precisa de infra-estruturas próprias que a acolham, de uma orgânica vital em que se desenvolva, de profissionais competentes que lhe dêem vida, cairemos na conta de que a missão de fundar uma Universidade é por um lado uma das mais difíceis e espinhosas e por outro exige um discernimento constante e uma dedicação sem limites.

Em face disto, compreenderéis como está longe de avaliar a realidade universitária quem a encara apenas como uma estrutura de mando, como obra de mero funcionalismo, como hierarquia de poder ou como mera fonte de prestígio social. Diria que toma a casca pelo âmago saboroso do fruto.

É evidente que a Universidade, como a inteligência e o espírito, precisam de uma face externa, de uma estrutura funcional de poder hierárquico em que assente. Mas, aplicando uma expressão de Pascoais, a Universidade «não cabe numa balança ou entre os ponteiros de um compasso.»

Por isso, quem dissesse que nela só mandam estes ou aqueles, sejam eles engenheiros, sociólogos ou professores de letras, estaria a encarar a Universidade dum ponto de vista bastante secundário. No seu sentido verdadeiro e profundo, ainda que à primeira vista o que se afirma pareça estranho, quem verdadeiramente manda na Universidade e é responsável por ela, são todos os corpos vivos que a compõem. São os docentes que ensinam e investigam, os alunos que estudam e criticam, os funcionários que a apoiam com a sua inteligência, dedicação e trabalho. Dizei-me se existe Universidade quando os professores ensinam com deficiência, investigam sem método crítico, os alunos não estudam e os funcionários não cumprem. Conservam-se intactos o nome, a estrutura e as hierarquias de poder, mas já não é uma Universidade mas um corpo sem vida.

Por isso não podemos aplicar à Universidade o conceito de mando ou de burocracia como domínio mas sim como serviço.

E neste sentido mais consentâneo com a realidade, afirmámos que todos mandam porque numa Universidade todos servem.

Julgo por isso pessoalmente que era mais legítimo o conceito de reitor que existia em tempos relativamente recentes. Então o reitor podia até nem ser docente; bastava apenas que compreendesse e coordenasse a docência, a investigação e os serviços que ela presta.

É nesta perspectiva que devemos encarar uma Comissão Instaladora, que nem sempre tem acontecido. Nesta fase, em que ainda nos encontramos, da instalação da Universidade do Minho, os três elementos que formam a sua gestão são a Reitoria, a Comissão Instaladora e o Conselho Administrativo. Estes elementos têm missões específicas, definidas por lei, e assumem a missão de criar esta Universidade. A Comissão Instaladora vai hoje ser ampliada, por proposta nossa, com mais dois elementos valiosos. É que há ainda um plano vasto a realizar e a equipe presente está assoberbada de trabalho. Quero, por isso, neste momento, agradecer-vos e felicitar-vos. Agradecer porque aceitastes colaborar, mais responsabilmente, neste cargo espinhoso e difícil sem olhar a sacrifícios pessoais; e felicitar-vos porque tivestes a coragem e a grandeza de alma para aceitardes o convite para entrar numa comissão, que além de trabalhar denodadamente, com enormes limitações de meios financeiros e de pessoal, está sujeita à «estrondosa» incompreensão de alguns. No entanto, tivestes a lucidez bastante para dar-vos conta de que essa atitude de alguns nada tem a ver com a obra gigantesca de criação de uma Universidade viva e a bela e universal colaboração prestada pelos colegas, funcionários e alunos.

O que buscamos, apenas, tenazmente, apaixonadamente, todos, é construir esta Universidade que conta apenas com oito anos incompletos de existência. Agradecemos sinceramente as críticas que nos ajudam; nós mesmos não estamos satisfeitos.

Se nos perguntam, portanto, se estamos contentes com os 17 cursos em funcionamento, com os 26 laboratórios de ensino ou investigação, com as instalações, com as bibliotecas, arquivos e serviços de documentação existentes, com as pesquisas realizadas pela Unidade de Arqueologia, com o funcionamento da Casa Nogueira da Silva, com a Unidade de Educação de Adultos, com os serviços administrativos, com os serviços já prestados à comunidade, com os acordos já realizados com três universidades francesas e as Universidades de Luanda e Maputo, com várias associações industriais, etc., respondemos sinceramente que não. Mas trabalhamos

Digitalizado por FCLB

todos, porque todos os que trabalham mandam, com esse objectivo: docentes, funcionários e, podemos afirmá-lo, os nossos cerca de 1.200 alunos. Neste trabalho, repito-o mais uma vez, perante as autoridades de Braga e Guimarães e perante todas as autoridades que tiveram a gentileza de estar presentes neste acto solene, não só desejamos mas agradecemos as críticas construtivas que nos ajudam. A obra é de todos os homens sinceros que servimos.

Mas se alguém nos diz que trabalhamos de improviso, sem prévia discussão dos problemas, sem apresentação honrada de contas, sem estudo sério ou com miras de prestígios pessoais; ou então que devíamos fazer milagres de inventar edifícios sem dinheiro, de preparar professores competentes subitamente, de construir laboratórios sem aparelhagem exigente e cara, de lançarmos ao ar não só uma mas duas universidades, então lembrar-lhes-ia o sábio provérbio chinês: «Olha irmão, se és ignorante do assunto, procura estar calado porque, se abres a boca, tiram-se as dúvidas.»

Resta-me agradecer a todos a vossa presença amiga e pedir-vos que continueis a ajudar e a amar uma das obras mais importantes levadas a termo no Minho, ao longo de séculos, para bem e prosperidade do seu povo, como é esta Universidade.